

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT17.008

# SAÚDE, CULTURA E EDUCAÇÃO: ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO DO HIV ATRAVÉS DA CULTURA DO HIP-HOP IMPORTANTE INTERSECÇÃO EXTRAMUROS DA SAÚDE

Sandra Conceição dos Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste estudo, eu empreendo uma investigação sobre a narrativa que emerge da colaboração entre os campos da Saúde, da Cultura e da Educação. Eu reconheço a colaboração de intersecção entre as áreas da Saúde, da Cultura e da Educação como essencial para garantir o bem-estar e o desenvolvimento dos jovens. O objetivo do meu artigo é explorar detalhadamente esta intersecção, examinando as narrativas que emergiram da minha interação com um profissional do Instituto de Infectologia Emílio Ribas – IIER. As seções subsequentes do meu artigo explorarão de forma mais aprofundada o contexto da intersecção entre Saúde, Cultura e Educação (Seção 1), métodos e narrativas (Seção 2) e conclusão (Seção 3). Cada seção oferecerá insights valiosos sobre a importância dessa colaboração e suas implicações práticas. Como profissional que se utilizou da formação em Pedagogia Hospitalar, eu me inspirei na história de um jovem que vive com HIV de transmissão vertical (adquiriu da mãe no parto ou pela amamentação), e utilizei a cultura HIP-HOP como ferramenta de prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), com foco em HIV/AIDS, na Casa de Cultura da Zona Norte de São Paulo, na linguagem dos jovens para os jovens. O meu estudo centra-se nas experiências de jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 25 anos, que enfrentam o desafio de viver com o HIV/ou doenças crônicas transmissíveis. Seguindo esta linha, a pesquisa narrativa surge como uma ferramenta valiosa para explorar a experiência humana através da narrativa pessoal, implicando processos de atribuição de significado e representação a experiências individuais ou testemunhadas em contextos

<sup>1</sup> Presidente do Instituto Nacional de Pedagogia Extramuros - SP, [sandra.santos10@outlook.com.br](mailto:sandra.santos10@outlook.com.br).

específicos. Eu acredito que garantir-lhes o acesso a uma educação de qualidade, bem como à cultura e ao apoio necessários, é crucial para o seu desenvolvimento pessoal e para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Este artigo proporcionou uma visão abrangente da intersecção extramuros da saúde e de como eu, como pedagogo hospitalar, pude desenvolver um projeto estratégico na linguagem de jovens para jovens.

**Palavras-chave:** HIV/Aids; Pedagogia Hospitalar; Intersecção extramuros da Saúde; jovens vivendo com HIV Transmissão Vertical.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, minha abordagem narrativa, fundamentada em uma perspectiva (auto)biográfica, destaca-se por suas interações pessoais, contribuindo significativamente para a construção da minha compreensão e reflexão contínua sobre identidade pessoal e profissional por desenvolver um trabalho da saúde para educação. Seguindo esta linha, a pesquisa narrativa, conforme definida por Clandinin e Connelly (2015), emerge como uma ferramenta valiosa para explorar a experiência humana por meio da minha narrativa pessoal, implicando processos de atribuição de significado e representação às minhas experiências individuais ou testemunhadas em contextos específicos. A prática de contar, recontar e reviver tais narrativas promove uma compreensão mais profunda das minhas vivências.

A persistência da epidemia de HIV/aids e de doenças crônicas transmissíveis, como Sífilis, Hepatites Virais, Tuberculose e Hanseníase, impõe desafios significativos globalmente, afetando não apenas a saúde física, mas também a qualidade de vida e as oportunidades educacionais e culturais dos jovens impactados por essas condições. Assegurar-lhes acesso à educação de qualidade, bem como à cultura e apoio necessários, é crucial para o desenvolvimento pessoal deles e para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Meu estudo concentra-se em jovens de 13 a 25 anos que enfrentam diariamente o desafio de conviver com tais condições de saúde, uma população frequentemente confrontada com obstáculos significativos em sua trajetória educacional e cultural. Reconhecendo a colaboração de intersecção entre os campos da Saúde, Cultura e Educação como essencial para garantir o bem-estar e o desenvolvimento desses jovens, meu artigo visa explorar detalhadamente essa intersecção, examinando as narrativas que emergiram da minha interação com um profissional do Instituto de Infectologia Emílio Ribas – IIER, por minha formação em Pedagogia Hospitalar, que, inspirado pela história de um jovem vivendo com HIV de transmissão vertical (adquiriu HIV da mãe no parto ou pela amamentação), utiliza a cultura do HIP-HOP como ferramenta de prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), com foco em HIV/AIDS, na Casa de Cultura da Zona Norte de São Paulo.

Ao término deste estudo, almejo fornecer uma visão mais aprofundada e contextualizada da colaboração entre saúde, cultura e educação, evidenciando como essa intersecção pode desempenhar papel fundamental na promoção

dos direitos educacionais, culturais e no bem-estar dos jovens afetados pelo HIV/Aids e/ou doenças crônicas transmissíveis. Conforme afirmou Freire (1996), “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

## A PEDAGOGIA HOSPITALAR NO SÉCULO XXI

Eu, como pedagogo hospitalar do século XXI, apresento cenários sob diversas perspectivas. Respeito teoricamente a lei e os direitos das crianças e adolescentes, e meu papel atuando na educação em saúde deve estar dentro das minhas competências e atribuições. Quando penso em progresso, no olhar humanizado e principalmente quando enxergo outras possibilidades de trabalho, nós, profissionais pedagogos hospitalares que atuamos da saúde para a educação, assumimos diferentes formas. Devo olhar estrategicamente para atender às necessidades específicas de meus alunos. Esse olhar é importante na integração destes estudantes na intersecção entre saúde e educação, no que diz respeito ao trabalho desenvolvido com adolescentes e jovens. Este tópico explora as implicações e os desafios enfrentados por mim, um educador profissional que trabalha junto à equipe multidisciplinar hospitalar e no desenvolvimento do trabalho extramuros da saúde para educação.

[...] a importância de elaborar sugestões e aprimorar saberes teóricos e metodológicos, com o intuito de alcançar o propósito de manter em andamento os processos de desenvolvimento mental e cognitivo das crianças e adolescentes em tratamento hospitalar (CECCIM, R. B. & FONSECA, 1999, p.117).

Ao desenvolver projeto com os jovens, enfrentei desafios significativos, especialmente quando não tenho acesso a uma ampla gama de materiais de referência para apoiar minha atuação. Essa falta de recursos cria lacunas no desenvolvimento de estratégias que vão além das recomendações do planejamento escolar. No entanto, vejo oportunidades na educação invertida e na pedagogia hospitalar para adaptar a aprendizagem às necessidades individuais dos alunos.

A educação invertida é uma abordagem pedagógica que ganhou destaque nos últimos anos. Nesse modelo, reconfiguramos o processo de aprendizagem, invertendo as atividades tradicionais da sala de aula. Segundo Bergmann e Sams (2012), a aprendizagem digital é intuitiva para os alunos, pois falamos a mesma

língua que eles. No entanto, como pedagogos, precisamos ser dinâmicos e planejar cuidadosamente a conexão de conteúdos e conceitos. Isso exige estudos dirigidos e reflexões críticas, representando um reaprendizado do nosso papel docente em comparação com as aulas tradicionais.

Com o uso de conteúdo transmitido por meio de vídeos online, os alunos podem ajustar o ritmo de aprendizado e progredir conforme suas necessidades, desenvolvendo habilidades essenciais de gestão do tempo. Em minha prática como pedagoga hospitalar, adapto minhas estratégias para atender às especificidades dos alunos, independentemente de estarem regularmente matriculados em uma instituição de ensino ou não. Afinal, nem sempre eles estão inseridos em um ambiente escolar convencional.

## **REFLEXÃO SOBRE A INTERSECÇÃO DA CULTURA DO HIP-HOP, JUVENTUDE E PEDAGOGIA HOSPITALAR**

Conforme delineado por Hill (2014), a Pedagogia do Hip-Hop é uma abordagem educacional culturalmente relevante que visa fomentar a compreensão crítica e o empoderamento dos estudantes por meio da cultura do Hip-Hop. A Pedagogia do Hip-Hop é caracterizada por sua natureza empírica e prática, fundamentada nas experiências vividas pelos jovens e na cultura que eles constroem e experimentam. Reconheço os jovens como participantes ativos de sua própria educação e valorizo a cultura do Hip-Hop, com seu enfoque na expressão criativa, resistência e comunidade, como um instrumento eficaz para o aprendizado.

Entretanto, enfrentei desafios significativos, especialmente quando não tinha acesso a uma ampla gama de materiais de referência para apoiar minha atuação. Essa falta de recursos ainda hoje cria lacunas no desenvolvimento de estratégias que vão além das recomendações do planejamento do trabalho desenvolvido na saúde. No entanto, vejo oportunidades na Pedagogia do Hip-Hop para adaptar a aprendizagem às necessidades individuais dos alunos.

No âmbito da pedagogia hospitalar, a educação baseada na cultura do Hip-Hop assume uma relevância especial. Os jovens em ambientes hospitalares frequentemente enfrentam desafios singulares, como o isolamento social, a ansiedade e a falta de controle sobre seu ambiente. A Pedagogia do Hip-Hop, com seu enfoque na autoexpressão, comunidade e resistência, pode proporcionar a esses jovens uma maneira de se conectar com os outros, expressar suas experiências e se sentirem empoderados em suas circunstâncias.

Em suma, a educação baseada na cultura do Hip-Hop representa uma tentativa de estabelecer uma pedagogia que seja relevante e envolvente para os jovens. Como pedagoga hospitalar, valorizo a cultura do Hip-Hop como uma fonte valiosa de conhecimento e experiência, diante desse olhar utilizei para promover uma educação mais equitativa e inclusiva.

## SEÇÃO

As seções subsequentes deste artigo explorarão de forma mais aprofundada o contexto da intersecção entre Saúde, Cultura e Educação (Seção 1), métodos e narrativas (Seção 2) e conclusão (Seção 3). Cada seção oferecerá insights valiosos sobre a importância dessa colaboração e suas implicações práticas.

O artigo objetivou avaliar a eficácia das interações entre o Pedagogo hospitalar e os jovens vivendo com HIV de transmissão vertical (adquiriram HIV da mãe pelo parto ou pela amamentação) na promoção da saúde, cultura e educação através da cultura do HIP-HOP e analisar o impacto da colaboração de intersecção entre as áreas da Saúde, da Cultura e da Educação na prevenção e conscientização nas IST com foco em HIV, através da cultura do HIP-HOP nos espaços culturais.

### SEÇÃO 1: INTERSECÇÃO ENTRE SAÚDE, CULTURA E EDUCAÇÃO PARA JOVENS QUE VIVEM COM HIV/AIDS E/OU DOENÇAS CRÔNICAS TRANSMISSÍVEIS

Os adolescentes e jovens adultos estão infectados e afetados pelo HIV/AIDS mais do que qualquer outro grupo populacional. As características socio-demográficas e culturais dos adolescentes e adultos jovens que vivem com HIV/AIDS indicam a necessidade de intervenções preventivas e de atendimento clínico mais humanizados e de qualidade para atender às necessidades de adesão ao tratamento desta população de forma mais eficaz, abrangente e participativa.

Tanto o Manual de Rotinas de Assistência ao Adolescente Vivendo com HIV/AIDS (Brasil, 2006) quanto o Manual de Adesão ao Tratamento de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (Brasil, 2008) destacaram a importância dos profissionais de saúde em acolher e apoiar as pessoas vivendo com HIV/AIDS durante o tratamento clínico e antirretroviral. No entanto, a questão continua sendo um

dos grandes desafios, pois as equipes de saúde ainda não conseguiram garantir uma adesão satisfatória ao tratamento clínico ambulatorial para a maioria dos pacientes.

Conforme aceleração da resposta busca para alcançar as Metas de Tratamento 95-95-95 recomendadas pela UNAIDS para 2021 – o que significa que 95% de todos os indivíduos que vivem com HIV conhecem o seu estado, 95% diagnosticados com HIV têm acesso ao tratamento antirretroviral e 95% das pessoas em tratamento são com vírus suprimidos e, portanto, incapazes de transmitir o vírus – as metas também esperam uma diminuição na taxa de novas infecções por HIV para 500 mil por ano até 2030 para o alcance da meta que Visa Zero Discriminação.

Segundo a UNAIDS entre 2015 e 2019, o número de novas infecções por HIV em crianças e adultos estava em estabilidade no Brasil, com cerca de 48 mil casos anuais. Em 2020, a curva apresentou um leve crescimento, passando para 49 mil infecções e, em 2021, houve um novo aumento, com 50 mil novos casos entre crianças e adultos. No mesmo ano, foram registradas 13 mil mortes em decorrência da Aids. A América Latina seguiu, na última década, esse mesmo cenário de platô com um ligeiro crescimento anual.

Segundo o último Boletim Epidemiológico HIV/Aids | 2023 (pg.9 – MS; 2023). No Brasil, de 1980 a junho de 2023, foram detectados 1.124.063 casos de aids. A taxa de detecção apresentou um decréscimo 20,8% no ano passado, passando de 216 casos/100 mil habitantes em 2012 para 171 em 2022. No mesmo período, observa-se que essa redução foi mais expressiva no sexo feminino (37,8%) em comparação com o masculino (10,8%). Em 2022, foram registrados 36.753 casos de aids. A razão de sexos, expressa pela relação entre o número de casos em homens e mulheres, foi de 25 homens para cada dez mulheres. Em relação ao HIV, de 2007 a junho de 2023, foram 498.594 casos registrados, sendo 43.403 novos diagnósticos em 2022. Já no recorte entre 2012 e 2022, um total de 52.415 jovens com HIV, de 15 a 24 anos, de ambos os sexos, evoluíram para aids, mostrando a importância do desenvolvimento da doença nessa faixa etária e a necessidade de envidar esforços para a vinculação aos serviços e a adesão à terapia antirretroviral (TARV). Em 2022, a razão de sexos entre jovens de 15 e 24 anos foi de 28 homens para cada dez mulheres.

Neste contexto, a minha experiência emergiu como um facilitador para o desenvolvimento de intervenções visando promover a adesão ao tratamento clínico entre os jovens acompanhados no Instituto de Infectologia Emílio Ribas.

Além disso, esses jovens foram capacitados para atuarem como multiplicadores, um dos quais apresenta neste artigo a proposta de utilizar a cultura do HIP-HOP como uma ferramenta de prevenção. Este projeto foi implementado na Casa de Cultura da Freguesia do Ô - Salvador Ligabue.

## SEÇÃO 2: MÉTODOS E NARRATIVAS

Neste estudo, elaborei as narrativas a partir da minha observação como profissional do Instituto de Infectologia Emílio Riba – IIER Utilizei meus conhecimentos em Pedagogia Hospitalar como ferramenta de trabalho junto aos jovens que vivem e convivem com HIV/aids para desenvolver projetos de prevenção relacionados às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), com foco especial no HIV.

A base teórica e metodológica foi fundamentada na abordagem de pesquisa (auto) biográfica em educação, conforme proposta por Passeggi (Passeggi, M. C. 2011, 2016). Optei por um método descritivo e qualitativo, que me permitiu aprofundar a compreensão das experiências dos jovens que vivem e convivem com HIV, acompanhados no IIER e pela Fundação Poder Jovem, instituições que desempenham um papel crucial em suas vidas.

Desenvolvi um trabalho de prevenção e conscientização das IST com foco em HIV/Aids, por meio de reuniões com o gestor, o coordenador cultural da Casa de Cultura da Freguesia do Ô e a Fundação Poder Jovem, com o apoio do Instituto de Infectologia Emílio Ribas. Apresentei essas iniciativas como uma profissional do IIER, com formação em Pedagogia Hospitalar, trabalhando junto aos jovens que vivem com HIV/Aids em tratamento clínico ambulatorial como também aos jovens que não vivem com HIV, convidados pelos primeiros integrantes do grupo por vínculos familiares ou de amizade. Esses jovens são intitulados como “jovens convivendo com HIV”, e o período de atuação foi de 2015 a 2018.

Este projeto envolve os jovens na disseminação da prevenção e conscientização sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), com foco no HIV, utilizando uma linguagem voltada para o público jovem. Eles desenvolveram uma dinâmica específica no Instituto de Infectologia Emílio Ribas (IIER), detalhada a seguir:

- Organização de um evento cultural estratégico com a proposta de levar a cultura do HIP-HOP como ferramenta de informação frente a prevenção e conscientização nas IST com foco em HIV;
- Primeiro momento apresentação da Casa de Cultura e proposta do evento ao público participante;
- Início da palestra de prevenção e conscientização;
- Determinado momento da palestra, dois jovens se revelavam soropositivos para o HIV e contavam a sua história de vida, como é viver tomando remédio, dificuldades, preconceitos sofridos e como superaram e aprenderam a lidar com a realidade;
- Apresentação de dança no comando do Dj e desenvolvimento do painel consciente com grafites relacionados ao tema prevenção que ficou por um período de uma semana afixado na Casa de Cultura registrando a passagem da ação;
- O encerramento distribuição de folder informativo e aconselhamento referente a prevenção e testagem.

Foram contemplados com esse projeto, além da Casa de Cultura o espaço do SESC Pinheiros, SENAC e ONG AIDS, impactando aproximadamente 6.985 adolescentes.

Neste trabalho foi abordado especificamente os jovens vivendo (soropositivo para HIV) e convivendo (que tem algum vínculo com pessoas que vivem com HIV) com HIV/AIDS na faixa etária de 13 a 25 anos, e como se deu as ações extramuros da área hospitalar em parceria com a Fundação Poder Jovem para a Casa de Cultura.

## NARRATIVAS E VIVÊNCIAS

**PROJETO HIP-HOP POSITIVO: DA SAÚDE PARA OS ESPAÇOS CULTURAIS: UM OLHAR MULTIDISCIPLINAR, CULTURAL E PEDAGÓGICO FRENTE A PREVENÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO NAS IST COM FOCO EM HIV, UTILIZANDO A CULTURA DO HIP-HOP COMO FERRAMENTA DE PREVENÇÃO**

Como pedagogo hospitalar tive um papel importante na prevenção de IST com foco em HIV. Através de estratégias educativas, como profissional pude

promover ações de conscientização sobre as formas de transmissão, os riscos e as medidas de prevenção dessas infecções. No entanto, para que estas estratégias fossem efetivas, foi necessário que elas fossem atrativas e significativas para o público-alvo, os adolescentes.

A cultura do HIP-HOP, com suas diversas expressões artísticas como a música, a dança e o grafite, tem um grande apelo entre os jovens. Portanto, utilizá-la como uma ferramenta de prevenção de IST pode ser uma estratégia eficaz. Através de letras de músicas, performances de dança e obras de arte, é possível transmitir mensagens importantes sobre a prevenção de IST com foco em HIV, de uma maneira que seja interessante e relevante para os jovens.

A infecção para HIV/AIDS, ainda é uma das IST que afeta os jovens por falta de ações direcionadas. Portanto, é crucial que as estratégias de prevenção sejam direcionadas para esta infecção. A cultura do HIP-HOP pode ser uma ferramenta poderosa neste sentido. Por exemplo, através de letras de músicas que falam sobre a importância do uso de preservativos, ou de performances de dança que representam a luta contra o estigma associado ao HIV/AIDS.

Em rodas de conversas abordávamos vários assuntos e dentre essa interação com os jovens, veio a inspiração que partiu de um dos jovens que vive com HIV e faz tratamento no IIER, para desenvolvermos este projeto HIP-HOP POSITIVO como ferramenta na Casa de Cultura.

Essa proposta foi percebida pelo interesse dos jovens, que nos levou apresentar esse projeto inovador utilizando a cultura como ferramenta de prevenção e conscientização para a Casa de Cultura localizada no bairro da Freguesia do Ô, para levarmos para além dos muros da Fundação Poder Jovem e do Instituto de Infectologia Emílio Ribas pelo cenário do momento de aumento de infecção no público jovem a conscientização da prevenção através da arte do HIP-HOP com uma linguagem jovem e livre de preconceitos, tornando assim, cada participante um multiplicador comunitário das ações preventivas quanto as IST e disseminador do HIP-HOP como uma arte presente na realidades mais carentes e como forte instrumento transformador social.

Em 2016, pós parceria e evento com a Casa de Cultura pudemos levar o projeto do HIP-HOP Positivo para outros espaços como, SESC, SENAC, escolas, Feiras e encontros em instituições não governamentais de responsabilidade civil.

Em 2018, aconteceram muitas ações envolvendo o HIP-HOP Positivo, ganhamos um incrível ensaio, realizado pelos alunos do Senac Francisco Matarazzo, pelo olhar único, que resultou em um trabalho primoroso e inese-

quecível, apresentações nas escolas e empresas e a primeira apresentação dos jovens na semana de visibilidade ao dia 1 de dezembro que celebramos o Dia Mundial de Luta Contra a AIDS no espaço do SESC Pinheiros.

Figura1



Fonte: (2) [Facebook](#)

Figura 2



Fonte: (2) [Facebook](#)

Figura 3



Fonte: (2) Facebook

Figura 4



Foto do Instagram de Pedagogia Hospitalar • 27 de 10 de 2018

Figura 1. Trata-se de uma figura pública de uma rede social da Fundação Poder Jovem, para a chamada de divulgação do evento conforme o trecho “Venha participar deste evento que será sensacional, repleto de música, atitude e muita positividade!”

Figura 2. Trata-se de uma figura pública de uma rede social da Fundação Poder Jovem, para a chamada de divulgação do evento conforme o trecho “Poder Jovem em mais uma escola de São Paulo, levando informações sobre HIV e combatendo o preconceito. Nesta manhã, foram impactados cerca de 760 alunos! Rolou até Hip Hop no final!”

Figura 3. Trata-se de uma figura pública de uma rede social da Fundação Poder Jovem “Poder Jovem em mais uma escola de São Paulo, levando informações sobre HIV e combatendo o preconceito. Nesta manhã, foram impactados cerca de 760 alunos! Rolou até Hip Hop no final!”

Figura 4. Trata-se de uma figura pública de uma rede social da profissional que desenvolveu esse projeto “Ilustra grupo reunido para registro do término do evento HIP-HOP POSITIVO, Casa de Cultura da Freguesia do Ô - Salvador Ligabue.”

Todas as legendas das fotos estão com o link correspondente da rede social citada.

### SEÇÃO 3: CONCLUSÃO

Neste artigo, realizei uma análise abrangente da intersecção extramuros da saúde, enfatizando a importância do papel do pedagogo hospitalar na prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) entre os jovens. Exploramos como o desenvolvimento de um projeto estratégico, em colaboração com jovens em tratamento clínico ambulatorial, integrou a cultura do HIP-HOP como uma ferramenta eficaz de prevenção das IST, com foco especial no HIV/AIDS.

A cultura do HIP-HOP, devido à sua influência marcante sobre este grupo demográfico específico, destacou-se como uma plataforma promissora para disseminar mensagens relevantes sobre a prevenção das IST. Entretanto, é crucial ressaltar a necessidade premente de implementar essas estratégias com sensibilidade e consideração às diversas experiências vivenciadas pelos jovens. A prevenção permanece como um elemento central no controle da propagação dessas doenças, com o objetivo de salvaguardar a saúde e o bem-estar dos jovens.

Concluo este trabalho com profunda gratidão aos membros do Instituto de Infectologia Emilio Ribas, à Fundação Poder Jovem, aos jovens participantes e à dedicada Pedagoga Hospitalar, cuja colaboração e esforços incansáveis foram fundamentais para o êxito deste projeto. Reconhecendo a importância da prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis entre os jovens e a incorporação da cultura do HIP-HOP como uma ferramenta eficaz neste contexto, este estudo destaca a relevância de abordagens inovadoras e sensíveis às necessidades de nossa juventude.

Expresso minha sincera gratidão a todos os envolvidos por sua dedicação, comprometimento e entusiasmo. Que este trabalho possa servir como um ponto de partida para futuras iniciativas que visem promover a saúde e o bem-estar dos jovens, capacitando-os para enfrentar os desafios que se apresentam

em sua jornada. Que nossos esforços conjuntos continuem a inspirar e beneficiar aqueles que mais necessitam em nossa comunidade.

Aos jovens participantes, vocês são a prova viva de que a juventude é capaz de fazer mudanças significativas em nossa sociedade. Vocês enfrentaram cada desafio com resiliência, determinação e mostraram uma paixão contagiante que motivou a todos. E nesse, reforça O ato de educar só faz sentido quando podemos inovar e assim, cumprir o nosso dever enquanto educadores capazes de reinventar para melhor orientar, conscientizar e transformar.

Mais uma vez, meu sincero agradecimento a todos vocês.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução 41/95. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal 8.069 de 13 de julho de 1990. São Paulo, 1995.

BRASIL. Leis etc. Decreto-Lei n.º 1044, de 21 de outubro de 1969. Dispõe sobre tratamento excepcional para os alunos portadores das afecções que indica [Internet]. Brasília; 1969 [citado 10 out 2022]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del1044.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del1044.htm).

BRASIL. Leis etc. Lei n.º 13.716, de 24 de setembro de 2018. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para assegurar atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado. Diário Oficial da União, Brasília (DF). 2018 25 set.; seção 1:2.

BRASIL. Leis etc. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências [Internet]. Brasília; 1990 [citado 22 set 2022]. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html>.

CE, organizadores. Manual de rotinas para assistência a adolescentes vivendo com HIV/Aids. Brasília: MS; 2006. (Série Manuais, n. 69).

CECCIM, R. B. & Fonseca, E. S. Atendimento pedagógico-educacional hospitalar: promoção do desenvolvimento psíquico e cognitivo da criança hospitalizada. In: Temas sobre Desenvolvimento, v.8, n.44, p. 117, 1999.

CONNELY, F. M. e CLANDININ, D. J. Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Uberlândia: EDUFU, 2011.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HILL, M. L. Batidas, rimas e vida escolar – pedagogia hip hop e as políticas de identidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINS, O. A. da S. ; SILVA, M. R. da ; ALMEIDA, V. de S. Sala de Aula Invertida: Uma metodologia Ativa na Aprendizagem. Ensino em Perspectivas, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1–5, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5701>. Acesso em: 7 abr. 2024.

PASSEGGI, M. DA C., SOUZA, E. C. DE, & VICENTINI, P. P. (2011). Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. Educação em Revista, 27(1), 369–386. <https://doi.org/10.1590/s0102-46982011000100017>

PASSEGGI, M.D., & ROCHA, S.M. (2016). Narrativas de experiências docentes em classe hospitalar. Linhas Críticas.

UNAIDS BRASIL/2021: Viver em positivo Guia rápido sobre direitos para jovens vivendo com HIV [Internet]: [citado 07 jan 2024]. <http://UNAIDS> lança guia “Viver em Positivo”, destinado a jovens vivendo com HIV | As Nações Unidas no Brasil